

Fotojornalismo Esportivo e a Cobertura Imagética da Derrota: uma Análise das representações do Brasil 1 x 7 na Copa do Mundo de 2014¹

Neide Maria Carlos²

José Carlos Marques³

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

Resumo

O futebol está inserido na cultura brasileira como um espaço simbólico de representação social. Relevante fenômeno de audiência, ocupa espaços ainda mais significativos durante a realização de uma Copa do Mundo. Dessa forma, a derrota em um Mundial pode revelar conflitos próprios da nossa sociedade. Nesse contexto, o fotojornalismo esportivo se constitui em relevante recurso de informação dos fatos que envolvem esse esporte. O presente trabalho propõe uma análise do discurso construído através do jornalismo impresso, tomando como ponto de partida o documento fotográfico. Buscando identificar possíveis recorrências discursivas, foram selecionadas três capas de jornais impressos que retrataram a derrota da seleção brasileira em diferentes momentos de sua história a serem analisadas como possíveis referências aos discursos utilizados para compor as capas da derrota de 2014, a eliminação do Brasil pela Alemanha.

Palavras-chave

Futebol; Fotografia; Fotojornalismo; Copa do Mundo; Seleção Brasileira

Introdução

O futebol é campo de conflitos que reflete a nossa cultura e muitas de nossas formas de representação social. Para DaMatta (1982), através dos ritos do futebol pode se observar algumas dessas formas de representação. Segundo o autor (1982, p.112), “o futebol abre uma via real de acesso para a compreensão da imaginação social e da realidade sociológica brasileira”. Por sua capacidade de mobilização de público, esse esporte está presente nas coberturas da imprensa que dedicam espaço significativo para a informação esportiva. No

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração (USC). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Bauru). email: neidejornal@hotmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru – SP. E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

Brasil, durante uma Copa do Mundo, essa cobertura toma espaços ainda mais representativos.

Considerado o país do futebol, o Brasil foi sede do Mundial de 2014 e vivenciou desde a dúvida sobre a sua capacidade de sediar um evento de grande porte, passando pela euforia com as vitórias iniciais, chegando ao drama da derrota considerada vexatória pelo discurso midiático, o resultado inesperado de 7 a 1 no jogo em que o Brasil foi eliminado pela Alemanha.

Estudar as implicações das emoções e das afetividades relacionadas com o discurso midiático pode promover uma análise crítica do papel da mídia nas relações entre esse sentimento de mobilização nacional e os fatos que envolvem um Mundial de futebol. Nesse sentido, a análise de nove capas de jornais elaboradas após algumas derrotas históricas da seleção brasileira em diferentes edições de Copas do Mundo pode contribuir para uma discussão sobre os recursos de linguagens empregados pela imprensa na construção de seu discurso. A dramaticidade das imagens envolvendo crianças e a recorrência de um discurso emotivo foi utilizado em diferentes épocas como fator de mobilização de afetos e de identificação de sentimentos próprios da nossa cultura.

O contexto de 2014

Em 2013, o Brasil disputou e venceu a Copa das Confederações em meio a protestos contra os gastos com as obras da Copa e as regras impostas pela presença da Fifa. Até o início do Mundial em 2014 pairavam as dúvidas sobre a realização dos jogos no país. Os jogos da Copa do Mundo de 2014 foram precedidos por um período de protestos e instabilidade com questionamentos sobre a organização e as obras estruturais para a realização dos jogos. Eram questionados os gastos, a imposição de condições pela Fifa e a capacidade do Brasil de receber grande quantidade de estrangeiros. É nesse contexto que se iniciam os jogos.

No decorrer dos eventos, a contestação cede lugar à adesão do torcedor brasileiro e o discurso midiático passa de cauteloso a eufórico. No jogo inaugural o Brasil comemora a vitória e os jornais falam em sonho do hexacampeonato. Em sua cobertura da estreia da seleção, por exemplo, o jornal *Lance!* traz em sua chamada de capa os dizeres “É tudo nosso!” e segue: “Vitória é nossa! Neymar é nosso! A Copa é nossa! Juizão é nosso! Até o gol da Croácia é nosso!”. Dessa forma, o futebol continua a ser considerado o esporte da

paixão nacional e é nesse sentido que a mídia vai construindo o seu discurso. Com o transcorrer dos fatos relacionados ao Mundial a imprensa passa de um discurso de esperança na seleção até o trauma da derrota histórica por 7 a 1 para a Alemanha. Nesse momento, os jornais se veem diante do desafio de relatar os fatos inexplicáveis que envolveram a derrota testemunhada por milhões. Os veículos impressos deveriam elaborar material informativo a ser veiculado no dia seguinte ao jogo, ou seja, quando os fatos já eram de conhecimento geral. Assim, a imagem síntese da fotografia como importante recurso de composição da informação impressa, em sua forma e em seu conteúdo, deveria oferecer novas abordagens acerca dos fatos.

A seleção brasileira da “Copa das Copas”, assim chamado o Mundial de 2014, era composta em sua grande maioria por jogadores que atuam em times europeus. Mas, ao mesmo tempo, a presença de Neymar, o “craque moleque”, simbolizava a esperança no talento do futebol brasileiro. Apesar da sua transferência para o Barcelona, ainda era recente na memória dos torcedores a sua atuação nos campeonatos nacionais, as suas conquistas e toda a construção de imagem promovida pela mídia. Desde o início do Mundial, Neymar foi alçado ao posto de protagonista da seleção pelo próprio discurso midiático até sofrer uma lesão e o Brasil ficar sem seu craque para um jogo decisivo, a partida entre Brasil e Alemanha.

Futebol e Imprensa

O futebol está inserido na cultura brasileira como o esporte de maior representatividade. Roberto DaMatta (2006, p.70) afirma que “no país do futebol, a Copa é a vida; o campo de futebol, o mundo; e o nosso escrete, como dizia Nelson Rodrigues, uma clara extensão projetiva de nós mesmos — de nossos defeitos e qualidades”. É uma atividade capaz de mobilizar os sentimentos do torcedor que adere à cultura do futebol como meio de sociabilização e de expressão de seu sentimento de nacionalidade. Desse modo, se esse esporte coloca em jogo características psicológicas do torcedor e constrói relações sociais, é no discurso da imprensa que se pode verificar algumas articulações para a construção desse imaginário social do futebol e as relações que o envolvem em um pensamento coletivo. É possível se verificar como esse esporte e os fatos que o envolvem são em grande parte mediados pelo discurso midiático. Além disso, o jornalista seria uma espécie de espectador privilegiado que chega a lugares onde o torcedor não tem acesso e leva suas versões dos acontecimentos para aqueles que não podem estar presentes ou tão próximos.

Para Hilário Franco Jr. (2007) o futebol leva o torcedor a renunciar à sua personalidade individual para aderir a uma alma coletiva, há um contágio que se realiza em grupo e se intensifica no ambiente do futebol. O autor (2007, p. 310) descreve que “dentre os traços dessa alma coletiva está o fato de as individualidades, dissipadas no grupo, terem sensação de força invencível, estando por isso propensas a ceder a instintos que isoladamente refreariam.” Ao mesmo tempo, os indivíduos se utilizariam desse ambiente como escape das pressões do cotidiano.

Para algumas nações, além do Brasil, o futebol passou a representar uma forma de afirmação do talento de seu povo e expressão de sua capacidade de conquista e vitória. Para DaMatta (p. 82, 1982), através do futebol “os uruguaios, argentinos e brasileiros conseguiram os seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que lhes tinham ensinado o jogo”. O autor (1982, p. 82) ainda reafirma que “há muito mais em jogo, nas Copas, do que supõe o senso comum.” DaMatta (2006) fala do futebol como um campo de integração social e de dramatização da sociedade. Segundo o autor (2006, p. 163) “de fato, é o futebol que ajuda uma sociedade tão segmentada e dividida internamente a afirmar-se como capaz de atuar de modo coordenado, como uma corporação (ou time) e de eventualmente vencer”.

Se o futebol está carregado de significados sociais e culturais, o discurso que informa acerca dos fatos que o envolvem auxilia na articulação dessas relações e serve também de fonte para a memória e o imaginário dos envolvidos com esse esporte. Dentre os recursos empregados pelos meios de comunicação, a fotografia é um importante recurso informativo, capaz de oferecer novas nuances acerca dos fatos. É, muitas vezes, a imagem representativa e síntese dos fatos já veiculados pelos meios audiovisuais. Cartier-Bresson (2004) descreve as angústias do fotojornalista em sua necessidade de captar um instante decisivo e significativo que retrate os fatos de uma sociedade. Arlindo Machado (1984) ressalta que o recorte fotográfico seleciona os elementos significantes da cena propondo visões de mundo:

“Toda fotografia, seja qual for o referente que a motiva, é sempre um retângulo que recorta o visível. O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é sua continuidade censurada.” (MACHADO, 1984, p. 76)

Assim, a câmera separa e recorta o que deve ser valorizado sob determinada perspectiva. São escolhas dentro de um processo classificatório que privilegia alguns

aspectos e exclui outros dentro de uma seleção consciente de construção da enunciação. Nas palavras de Machado (1984), o fotógrafo estabelece uma organização das coisas visíveis e constrói narrativas. Camargo destaca a possibilidade de se estabelecer diálogos com o mundo através da imagem e não só de representa-lo:

“O avanço dos sistemas de criação e distribuição das imagens no mundo, fez com que elas se desprendessem da relação de similaridade com o visível e se aproximasse das relações sociais e culturais que dão significação às imagens, assim, elas ficam mais próximas da constituição das narrativas, do que da simples descrição das coisas do mundo.” (CAMARGO, 2007, p. 112)

Proposta de Análise

As capas selecionadas para compor o *corpus* para o presente trabalho trazem diferentes abordagens dos fatos que envolveram o “7 a 1” - a partida entre Brasil e Alemanha que eliminou o Brasil do Mundial de 2014 - em comparação com capas que relataram a derrota do Brasil em outros mundiais. Para tanto, três capas que retrataram a derrota da seleção brasileira em diferentes momentos de sua história foram escolhidas como possíveis referências aos discursos utilizados pelos veículos impressos para compor suas capas na derrota de 2014, essa considerada a mais traumática. Buscando verificar em que medida as capas do “7 a 1” possam dialogar entre si elaborando um pensamento articulado por outros discursos e se configurando em abordagens não originais dos fatos, tomamos como objeto de estudo e análise a abordagem de algumas capas de jornais que informaram em diferentes épocas, a derrota da seleção brasileira em Copas do Mundo. São registros fotográficos tomados em situações e épocas diferentes que podem sugerir certas semelhanças discursivas.

“São diversos os sentidos que as imagens propõem, tal é a gama de informações que articulam, seja pela simples existência visível, onde sua instauração eidética a coloca como um campo significativo ou pelas relações que estabelece com outras áreas do conhecimento, proporcionando o desenvolvimento de outros discursos, inclusive, o surgimento de relações interdiscursivas em que novos conteúdos podem ser articulados.” (CAMARGO, 2007, p. 112)

Visando propor uma leitura dos enunciados compostos por mensagens verbais e não-verbais, a análise proposta por este trabalho será realizada em três etapas. Na primeira, se dá a descrição das imagens e análise interpretativa de seus possíveis sentidos. Em um segundo momento, a discussão sob o ponto de vista da composição das páginas e as relações de sintaxe entre texto e imagem. Posteriormente, a discussão das possíveis relações

entre os diferentes discursos das primeiras páginas dos jornais. Resumidamente, verificados os processos de significação da imagem visual, se observa as relações entre mensagem verbal e visual e, ao final, se investiga os indícios de diálogo entre as vozes presentes nas mensagens elaboradas nas primeiras páginas dos jornais e suas formas de diálogo com os discursos anteriores.

Sob esse aspecto, foram selecionadas algumas capas de jornais que parecem dialogar entre si através de uma recorrência discursiva, ponto a ser verificado. Ao mesmo tempo, são páginas que versam sobre a atuação da seleção brasileira de futebol em momentos em que sofreu derrotas que ficaram marcadas no imaginário social do torcedor brasileiro. A derrota de 1982 para a Itália, a derrota de 1998 na final contra a França e a eliminação de 2006 nas quartas-de-final também para a França. São esses os três momentos que aqui deverão ser relacionados com a cobertura da derrota para os alemães em 2014 realizada por diferentes veículos impressos. O futebol que já foi utilizado como fator aglutinador sofre uma derrota por placar inesperado, 7 a 1, e abre a reflexão sobre o que estava em jogo e o que fica com o impacto de uma derrota histórica.

A proposta para uma análise comparativa dessas capas visa buscar indícios das relações e semelhanças discursivas que podem nos remeter a discursos do passado usados para expressar os fatos mais recentes. Tomando o documento fotográfico como ponto de apoio para essa análise, verificar em que medida a imagem contribui para essas relações, mais que isso, se constitui em fator primeiro desse retorno a outros discursos. As imagens fotográficas, nesses casos, seriam o relato recorrente que estabeleceria esse diálogo.

Através de uma abordagem da composição fotográfica em seus planos de expressão e conteúdo, é possível descrever as imagens seguindo algumas categorias de observação descritas por Duarte (2000) como o enquadramento, o plano selecionado, o foco, o movimento, os aspectos cromáticos, os aspectos relacionais de composição e posição do motivo, os aspectos exteriores como a posição da câmera de onde é tomada a imagem, a posição da fonte de luz e as características dessa fonte.

Alguns autores deverão contribuir nesse processo de análise. Inicialmente, os textos de Roland Barthes (1990) deverão contribuir para a busca dos sentidos contidos nas imagens através do paradoxo fotográfico apresentado em “O óbvio e o obtuso”. Nessa obra, o autor descreve os processos de conotação da imagem e traz a perspectiva de leitura da mensagem visual e suas possíveis produções de sentido. Barthes também auxilia no sentido

de discutir a dualidade presente na imagem e descrita no livro “A câmara clara” (1980) onde o autor defende que a fotografia pode ser dotada de um *Studium* e um *Punctum*, o primeiro mais objetivo e o segundo subjetivo. Esses conceitos auxiliam no sentido de investigar em que tais categorias afetam o discurso dos jornais. Para o autor, o *Studium* traz uma leitura do contexto cultural e técnico da imagem, enquanto o *Punctum* fala mais emocionalmente, atinge e fere o espectador de maneira subjetiva.

Buscando uma análise do sentido e das relações entre texto, imagem e a composição da informação na capa do jornal, se recorre a uma análise do discurso para apontar as características das representações imagéticas junto ao texto, bem como as recorrências discursivas entre o *corpus* escolhido. Segundo Carvalho (2000, p.43), a “Análise de Discurso é uma designação comum a múltiplas formas de analisar a relação entre o sentido e a linguagem, bem como as suas repercussões sociais e políticas”.

A linguagem impressa da derrota

Os três primeiros jornais selecionados trazem em destaque a imagem de um menino. São fotografias que ocupam quase todo o espaço das páginas. A primeira capa foi publicada na edição do *Jornal da Tarde* do dia 5 de julho de 1982, após a derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo da Espanha. O episódio ficou conhecido como a “Tragédia do Sarriá”, em referência ao nome do estádio em que ocorreu a partida.. A imagem do garoto chorando em Barcelona entrou para a história da participação do Brasil em Copas do Mundo. Para Boris Kossoy (2007, p. 146), “através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão.” O time que levaria ao sonho do tetra tinha Zico, Sócrates, Júnior e companhia. A imprensa brasileira falava em favoritismo dessa seleção.

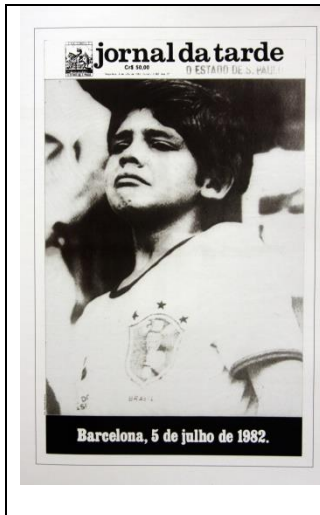


Figura 1. Capa do “*Jornal da Tarde*” de 5 de julho de 1982



Figura 2. Capa do jornal “*Diário do Grande ABC*” do dia 9 de julho de 2014



Figura 3. Capa do jornal “*Diário Catarinense*” do dia 9 de julho de 2014.

As três páginas destacam uma única imagem, aberta quase na totalidade do espaço de diagramação da página. A primeira, uma fotografia em preto e branco traz um retrato de meio corpo de um garoto com expressão de tristeza e choro. Na segunda, também há um garoto vestido de amarelo retratado quase em close destacado pelo foco e em meio a outras pessoas que também vestem amarelo. Ele está envolto em um tecido e tem o rosto pintado. O terceiro registro, do *Diário Catarinense*, é de garoto que aparece em meio corpo com as mãos unidas em conjunto com uma expressão de tensão. Ele está vestido de verde e amarelo e está cercado por pessoas também vestidas de amarelo. O repertório cultural do leitor permite que ele perceba que a camisa que aparece com o garoto do *Jornal da Tarde* é a da seleção brasileira, apesar da ausência de cor. O garoto da capa do *Diário do Grande ABC* está todo envolto em cores que remetem aos símbolos nacionais. Ele se assemelha fisicamente ao primeiro fotografado, o garoto que esteve em Sarriá. Já na capa do *Diário Catarinense* o garoto não parece vestir uma camisa oficial, mas ele também leva as cores nacionais. A posição das mãos pode demonstrar tensão e também pode remeter a um gesto de oração. A expressão de seu rosto é de alguém que pode cair no choro, que parece conter uma emoção dentro de si. Ao mesmo tempo, o garoto negro remete ao garoto símbolo do garoto brasileiro desfavorecido que vive em meio a dificuldades.

Guimarães (2004) aponta para o significado do uniforme da seleção. Para o autor (2004, p. 96), “a camisa amarela (usando um jargão do futebol) ‘pesa’, a tradição de glórias passadas impõe uma assimetria em favor da seleção brasileira.” Assim, a camisa canarina da seleção carrega uma série de significados culturais com as quais nos identificamos. Sua

presença na imagem do drama infantil traz uma sensação de tristeza que nos toca de maneira subjetiva.

A data na página do *Jornal da Tarde*, a expressão “Mineirazo” em referência ao “Maracanazo” de 1950 no *Diário do Grande ABC* e a expressão “Como explicar” no *Diário Catarinense* são os textos que se colocam em relação com as imagens. Há um claro destaque para uma abordagem visual dos fatos.

Essas três capas de jornais apresentam composições de grande apelo dramático, um processo de conotação através da pose dos personagens. A mesmo tempo, o *Punctum*, que na definição de Barthes (1980) é aquilo que vem me ferir e que me atravessa como uma flecha, pode ser representada pelo apelo emotivo que parte da imagem. Nesse sentido, a imagens de crianças chorando trazem um apelo emocional além da perspectiva dos fatos esportivos. É um discurso que atinge o espectador de maneira subjetiva e apela para uma identificação com essas emoções.

Já nos exemplos a seguir, a Capa do jornal *O Estado de S.Paulo* do dia 13 de julho de 1998 retrata a derrota do Brasil na final da Copa do Mundo de 1998. Naquela ocasião, o Brasil perdeu a final para a França por um placar de 3 a 0. Em 1994, havíamos conquistado o tetracampeonato e pairava uma crença na conquista do pentacampeonato reforçado pela presença de Ronaldo. Contrariando as expectativas, a França comemora a conquista de um Mundial em casa e derrota o favoritismo brasileiro.

Em comparação com o enunciado realizado em 1998 pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, selecionamos as capas dos jornais *O Povo* e *Gazeta do Povo* do dia 9 de julho de 2014 com a cobertura da derrota para a Alemanha em 2014. Os três jornais apresentam imagens que ocupam a maior parte do espaço de diagramação das páginas com o retrato em close de um rosto pintado.



Figura 4. Capa do jornal “*O Estado de S. Paulo*” do dia 13 de julho de 1998.



Figura 5. Capa do jornal “*O Povo*” do dia 9 de julho de 2014.



Figura 6. Capa do jornal “*Gazeta do Povo*” do dia 9 de julho de 2014.

A manchete do *O Estado de S. Paulo* destaca: “França goleia Brasil e leva Copa”. Também em relação direta com a imagem, localizada logo acima da mensagem visual está a pergunta: “O que houve com Ronaldo?”. Na composição do jornal *O Povo* há a afirmação sobre a imagem: “Não foi pesadelo, foi real.” Essa afirmação é intercalada pelo placar do jogo “Brasil 1 X 7 Alemanha”. Já o jornal *Gazeta do Povo* destaca como título “A derrota das derrotas”.

Em uma leitura do documento fotográfico se vê o close dos rostos cobertos de tinta retratados em diferentes ângulos. Na primeira, de 1998, há o destaque das cores verde e amarela com uma textura seca perceptível pelas rachaduras da tintura. Os olhos se voltam levemente para cima e adiante. Na capa do jornal *O Povo* que relata a derrota de 2014, o rosto traz as cores nacionais em uma pintura que remete às formas dos desenhos da bandeira nacional. O terceiro registro, no jornal *Gazeta do Povo*, também sobre a eliminação de 2014, é o de um rosto feminino pintado com as cores da bandeira apenas em um dos lados, a face direita. Seu olhar está voltado para cima e se percebe a tinta escorrida a partir do olho direito.

A expressão do rosto de 1998 é séria, paralisada pelo registro fotográfico que remete a uma sensação de perplexidade. A tinta seca e rachada parece paralisar ainda mais a expressão e congelá-la no tempo. A imagem do jornal *O Povo* traz as formas e as cores da bandeira pintadas sobre o rosto do personagem, chegando a dificultar a sua identificação.

Os seus olhos fechados e voltados para baixo trazem uma sensação de introspecção e a tinta escorrida do lado direito do rosto traz a sensação da lágrima derramada em algum momento. É uma imagem de tristeza e de aparente dor. O rosto feminino na *Gazeta do Povo* apresenta um olhar que se volta para o alto, que olha para algo que está acima e que lhe causa tristeza. A tinta escorrida a partir do olho direito traz a ideia das lágrimas que ficaram marcadas com as cores da nossa bandeira.

A opção pelo quadro fechado em close no rosto dos personagens causa um corte no contexto e no contínuo onde estão inseridos, destaca aspectos muito particulares dos eventos. Há um apelo através da conotação da pose como o descrito por Roland Barthes. Como aponta Machado (1984, p. 76), “não é muito difícil perceber a força significativa do recorte quando esse trabalho de síncope aparece ostensivamente como uma manipulação, seccionando porções do objeto ou decepando as pessoas pelo meio.” Há também um esteticismo na plástica das imagens que aponta para a importância da cor nos enunciados. Como destaca Guimarães (2004, p. 92) “não podemos deixar de anotar esse vínculo no que acontece à nossa volta, com a presença tão marcante da cor como recurso de linguagem nos discursos e na mídia”.

A seguir, buscando discutir essa recorrência discursiva, temos as capas dos jornais *Folha de Pernambuco* do dia 02 de julho de 2006 e as capas dos jornais *Meia Hora* e do *Lance*, ambas do dia 9 de julho de 2014. Diferente dos outros exemplos, esses jornais recorrem a uma exclusão da imagem como recurso de informação. A primeira capa da *Folha de Pernambuco* traz a cobertura do jogo da eliminação do Brasil na Copa de 2006. Naquele 1º de julho de 2006 a seleção brasileira era eliminada pela França nas quartas-de-final por um placar de 1 a 0. Duas edições de Copa do Mundo depois, os jornais *Meia Hora* e *Lance* que circularam no dia 09 de julho de 2014 trazem propostas semelhantes para a cobertura da derrota do Brasil para a Alemanha.



Figura 7. Capa do jornal “Folha de Pernambuco” do dia 02 de julho de 2006.



Figura 8. Capa do jornal “Meia Hora” do dia 9 de julho de 2014.

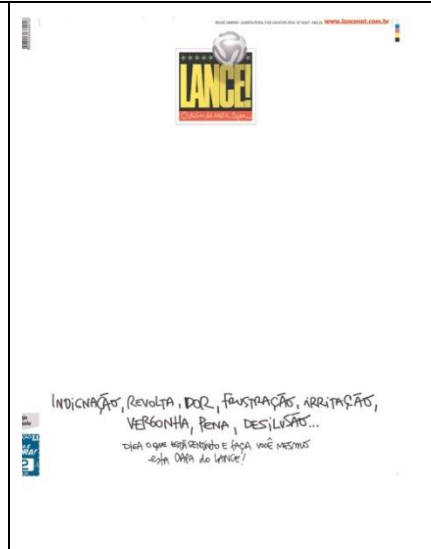


Figura 9. Capa do jornal “Lance” do dia 9 de julho de 2014.

Buscando discutir essa recorrência nas composições, se percebe a cor como uma escolha discursiva em duas dessas capas. Guimarães (2004, p. 92) fala de um “valor negativo do preto” que seria a “cor do desconhecido e do que provoca medo.” O autor (2004, p. 92) também ressalta que “por vezes, o preto, como não-cor, estará em oposição à presença das cores.” O vazio, a ausência e o luto podem ser conotadas mesmo com a ausência da imagem fotográfica. Há nesses três exemplos uma ausência intencional da imagem fotográfica que exclui a expressão da opinião através da imagem.

As capas da *Folha de Pernambuco* e do *Meia Hora*, embora relatem acontecimentos em tempos distintos, a derrota de 2006 e a de 2014, trazem em destaque títulos que se iniciam com uma negativa: “Não temos palavras” e “Não vai ter capa”. O texto aparece em letras brancas que se destacam do fundo.

A capa do jornal *Lance!* do dia 9 de julho de 2014 é uma página sem cor, “quase em branco”. Nela constam o cabeçalho, preço, endereço eletrônico do jornal e o seu logotipo que o identifica. Abaixo, escrito em fontes que se assemelham à letra manual e em caixa alta, os dizeres: “indignação, revolta, dor, frustração, irritação, vergonha, pena, desilusão... Diga o que está sentindo e faça você mesmo esta capa do Lance!”. É como um esboço de capa em que o leitor é convidado a se expressar, dizer ele mesmo sobre o que sente em relação aos fatos decorridos, ainda que as palavras já deixadas pelo jornal possam induzir ao que é possível expressar dos acontecimentos.

Ainda que aqui se discuta a importância da fotografia na elaboração dos discursos, estes três últimos exemplos sofrem a ausência da imagem fotográfica, forçando a uma análise voltada mais ao texto verbal. Ao mesmo tempo, a própria ausência de uma imagem diz muito sobre o quanto a mensagem visual carrega a página de sentido, qualquer fragmento de uma fotografia já traria muitos significados.

Essas escolhas editoriais podem representar uma impossibilidade dos jornais em expressar as implicações da derrota, ao mesmo tempo em que se constituem em possibilidades enunciativas relevantes.

Discussões

Todas as imagens que compõem o corpus desse trabalho são imagens geradas pelo fotojornalismo, portanto, trata-se de obras originais do ponto de vista do registro. Através da presente análise não se pode afirmar que há uma influência de outros olhares no olhar de cada autor. Ainda assim, é possível pensar em um repertório próprio do pensamento da imprensa acerca da cobertura do fato esportivo. São imagens que parecem ter se consolidado como válidas para expressão do discurso da imprensa.

A partir de uma leitura de plano de expressão e conteúdo, é possível verificar em algumas fotografias a recorrência de um discurso dramático com a presença do choro próprio da nossa cultura e que expresso através da imagem de um moleque tomam contornos ainda mais dramáticos. É também a recorrência discursiva de situações traumáticas já retratadas através da imprensa em derrotas anteriores.

O *Punctum*, na definição de Barthes (1980) é aquilo que vem me ferir e que me atravessa como uma flecha. Nesse sentido, as imagens de crianças chorando trazem um apelo emocional além da perspectiva dos fatos esportivos. É um apelo que atinge o espectador de maneira subjetiva através de um discurso caracteristicamente emotivo. Apela também ao choro que é atribuído à cultura latina mais que à cultura europeia.

Considerando o deslocamento do sentimento de nacionalidade para o futebol, a presença do drama envolto nas cores nacionais mostram a face de uma derrota que mobilizou sentimentos e levou o brasileiro às lágrimas. A imagem esteve presente em contornos sentimentais através de um uso consciente da linguagem fotográfica na construção discursiva em torno dos conflitos que afloram durante o jogo. Como ressalta

Roberto DaMatta, referindo se à expressão cunhada por Nelson Rodrigues, o momento da Copa é o momento da totalidade, o momento da “pátria de chuteiras”.

Todos os exemplos que ilustram esse trabalho colocam em perspectiva o espectador torcedor como as vozes que compõem os discursos que relatam os conflitos que nascem do jogo. A expressão do sentimento individual recortado na imagem fotográfica passa a ser partilhado por todos através da página do jornal simbolizando um sentimento coletivo.

As capas que relatam o “7 a 1” falam em perplexidade diante de um resultado inesperado e vexatório, falam também em humilhação, vergonha e decepção. Esse discurso se faz presente através da conotação de signos e significantes visuais também ancoradas por signos verbais. As estratégias discursivas se articulam com a presença representativa da imagem e também através da sua ausência, o próprio vazio deixado pela imagem.

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. **A câmara clara**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CAMARGO, I. A. **Um recorte semiótico na produção de sentido: imagem em mídia impressa**. Revista Domínios da Imagem. P. 111-118. LONDRINA, ANO I, N. 1, 2007
- DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006
- DAMATTA, R. **Universo do Futebol: Esporte e sociedade**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DUARTE, E. B. **Fotos e grafias**. Porto Alegre: Unisinos, 2000.
- FRANCO JR., H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.
- GUIMARÃES, L. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª ed. rev. São Paulo: Annablume, 2004.
- GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- HUMBERTO, L. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- MACHADO, A. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- TURTELLI, S. R. **Esporte em foco**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.